CLÓVIS BRIGAGÃO E TRAJANO RIBEIRO

BRIZOLA

1ª edição

PAZ & TERRA

São Paulo / Rio de Janeiro

2015

SUMÁRIO

Introdução **11**

O segundo exílio, nos EUA e na Europa (1977-1979) **15**
De volta à democracia: o tiro da ditadura saiu pela culatra 17
A expulsão do Uruguai: saindo pela tangente americana 21
A "chapa quente" 25
O realejo começa a tocar 47
Em Lisboa: o congraçamento português 51
Os *Cabildos Abiertos* 65
Esquentando a chaleira do chimarrão 71
O Encontro e a *Carta de Lisboa*: o novo trabalhismo 97
O curto-circuito da comunicação no Brasil 105
A "cadeira vazia" do Brasil na Internacional Socialista 113
Encontros e reencontros com brasileiros no exílio 151

A volta e o encontro com o Brasil **171**
Em Nova York: o teatro da transição autoritária à democracia 173
Voltando nas asas da Braniff 181
Entrando pela "Porteira da História": São Borja 189
Desembarcando no Rio de Janeiro 199
Reorganizando o PTB 211
Cinzas e brasas: a perda da sigla PTB e o novo PDT 219

O povo fala em 1982: Brizola na cabeça 231
No ar, a Proconsult 245

Anexos **257**
Carta de Lisboa 259
Lista de participantes da *Carta* 267
Resumo da história política de Brizola 269

Agradecimentos **271**
Refêrencias bibliográficas **275**
Índice onomástico **281**

Sobre a foto da capa

O fotógrafo Aguinaldo Ramos, autor da foto, então no *Jornal do Brasil*, nos conta:

"Um dia [do ano de 1982], saí da redação do *JB* com o repórter J. Paulo para acompanhar o então candidato a governador [Brizola] num roteiro pela Zona Norte da cidade. No começo da tarde estávamos no Conjunto Amarelinho, em Irajá, junto à avenida Brasil. As lideranças locais aproveitaram a promissora visita para fazer, além da luta pela reforma do conjunto, uma manifestação pela paz na comunidade, cercada de favelas. Promoveram a queima, em grande fogueira à frente do conjunto, das armas de plástico recolhidas das crianças. Brizola ganhou a honra de atear o fogo, o que fez com prática de gaúcho churrasqueiro. De repente, vira-se para o mais destacado cabo eleitoral local e pergunta: 'Tens coragem de pular a fogueira, tchê?!... Então vai na frente que eu vou atrás!'

"Os assessores, até mesmo o futuro prefeito Marcelo Alencar, também na campanha, tentaram preservar o chefe. Nada adiantou, Brizola estava tranquilo e ia pular.

"Eu me preparei como pude... Busquei uma posição lateral, pus a 24 mm (a maior grande angular que tinha ali), me agachei, mantive o dedo no obturador. O líder local, com a maior desenvoltura, cumpriu sua parte. Acompanhei de rabo de olho, sem apertar, preocupado com Brizola, que podia nem esperar o salto do outro. Ou, refugar... Brizola tinha os olhos fixos na fogueira e um sorriso maroto no rosto. Com suas botinas de gaúcho exilado, camisa azul-clara de mangas arregaçadas, arredou um pouco a garotada, abriu uma roda, concentrou-se e, sem considerações, partiu! No meio do caminho, abriu os braços, parecia estar num voo acima de tudo. Aterrissou com perfeição, sem qualquer escorregão ou derrapagem."

(Depoimento pessoal. "Brizola pula a fogueira", Aguinaldo Ramos)

Introdução

"Toda memória é uma seleção recontada
e, portanto, uma narrativa ficcional."
Jorge Luis Borges

"Todo memorialista é um mentiroso."
Nelson Rodrigues

Uniu-nos ao escrever estas memórias – não se trata de uma biografia – o fato de termos sido testemunhas e participantes da vida política – nada tranquila – de Leonel Brizola. A história começa a partir de sua expulsão do Uruguai, em 1977, principal motor desta empreitada político-literária. O que nos levou a este árduo e prolongado trabalho de pesquisa, entrevistas, organização de fotos e textos escritos e reescritos nos últimos sete anos foi o sentimento de lealdade e companheirismo à grande figura de Leonel Brizola.

Norteou-nos o desejo de desvendar a alma desse gaúcho que se tornou figura política, nacional e internacional, desde o seu segundo exílio nos EUA e na Europa, sua volta ao Brasil tão logo a anistia foi decretada em 1979, seus dois governos do Estado do Rio de Janeiro, suas candidaturas à Presidência, sua liderança política e suas idiossincrasias.

Buscamos, sem cessar, revelar a sua personalidade, através de seu "realejo" (com seus gestos típicos e estilo peculiar de comunicação), e as suas formas de conversar, muitas vezes elegantes, outras vezes sarcásticas e cheias de simbolismos. Seu discurso tinha origem em experiências "empíricas" e era calcado em fatos da natureza. Dessa base

ele emitia suas convicções, opiniões e análises políticas, nada convencionais, sobre o Brasil ("O Brasil é um país surrealista" era uma de suas frases favoritas).

Nenhum outro político brasileiro usou os meios de comunicação – da imprensa escrita à TV, pois ainda não eram de sua época as redes sociais, que ele teria utilizado fartamente – como Brizola em seus "tijolaços" (de 1984 a 1992), que se revelam um discurso político coerente e rico em análises de conjunturas, personalidades, mídias e situações políticas nacionais e internacionais. Verdadeira cartilha do trabalhismo renovador, os "tijolaços" de Brizola nortearam seus dois mandatos como governador do Rio e suas intervenções na política nacional – o seu "realejo" doutrinário.

Traçava perfis das personalidades mais destacadas da política brasileira – sem deixar de marcá-las com algum apelido jocoso e criativo. Acima de tudo, ele se mantinha coerente com seu profundo amor pelo povo que o elegeu prefeito de Porto Alegre e governador do Rio Grande do Sul, depois deputado estadual e federal (com a maior votação alcançada por um político brasileiro), duas vezes governador do Estado do Rio, além de líder do antigo e renovado Partido Trabalista Brasileiro (PTB), e, quando este lhe foi surrupiado, do Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Faltou-lhe apenas aquilo que mais desejava ser: presidente da República Federativa do Brasil. Injunções, percalços, embaraços e reservas políticas da elite brasileira constituíram objeções à sua projeção como chefe da nação.

Reunimos os principais lances de sua vida política, desde a expulsão do Uruguai, em 1977, até sua morte inopinada, em 2004, para a partir disso formular ideias e visões de sua personalidade marcante, absolutamente coerente com suas verdades e intuições – marcas que ficaram registradas na história do Brasil, onde ele viveu, militou e lutou por mais de 60 anos na vida política partidária. Era um soldado de seu próprio destino histórico e político.

Apesar do trabalho árduo e prolongado, foi uma grande satisfação podermos nos debruçar sobre a figura ímpar de Brizola, que se destacou no tabuleiro da política brasileira, a partir da década de 50, durante o processo político que culminou com o Golpe civil-militar de 1964.

O que mais chamou nossa atenção foi o fato de Brizola ter sido um trabalhista em tempo integral. Nada o impedia de promover e divulgar, sem diletantismo, suas ideias e políticas sobre a via do trabalhismo brasileiro, que, com o *Encontro de Lisboa* e a *Carta de Lisboa*, passou a ser chamado de "caminho brasileiro para o socialismo democrático", expressão que ele mesmo cunhou e permanentemente lembrava aos seus velhos e novos companheiros. Certa vez, diante de Doutel de Andrade e de José Gomes Talarico, Brizola disse enfaticamente: "Nascemos e vamos ser enterrados trabalhistas."

Estas são as nossas memórias. Com elas queremos contribuir para que o papel que Brizola desempenhou na política brasileira e na política internacional seja mais uma vez reconhecido. Inovador em suas administrações, convincente em suas pregações – pois era um grande e fluente orador –, Brizola permanece no inconsciente coletivo brasileiro. As histórias que coletamos, as lembranças dos mais velhos e dos mais jovens, – muitas vezes recolhidas em entrevistas informais, algumas concedidas até por email – constituem-se de material inédito e raro e que apresentam Brizola como um líder eminentemente preocupado com a libertação do Brasil, com sua autonomia e independência de qualquer ideologia e de qualquer poder internacional.

As críticas de que Brizola não "pensava" e de que não tinha uma estratégia política faziam parte do discurso de seus opositores, que tentaram diminuir sua importância e grandeza. Não era um nacionalista de meia-tigela, mas um político que pensava e se dedicava, em tempo integral, a dar sentido à sua amada nação, o Brasil. Verdadeiramente um patriota como já não se encontra mais!

Ao leitor, os nossos melhores votos de boa leitura.

O segundo exílio, nos EUA e na Europa (1977-1979)

De volta à democracia: o tiro da ditadura saiu pela culatra

Em 9 de maio de 1964, na primeira entrevista em solo uruguaio como exilado, Brizola afirmava que "especialistas americanos finalmente conseguiram o que queriam: a transformação do Exército Brasileiro em um grande corpo policial militar". Acrescentou que lutava pelas reformas sociais por meios pacíficos, que não houvera resistência contra o Golpe militar porque "nós não éramos organizados para a violência" e que ele "nunca tinha sido um comunista, mas um nacionalista". Finalmente, declarou que a imprensa americana os acusava (ele e o ex-presidente João Goulart) de formarem uma família oligárquica, "mas nós éramos apenas dois cunhados – muito menos do que os Kennedys".[2]

Exilado, Leonel Brizola foi figura política marcante – algumas vezes decisiva – nos principais acontecimentos durante os 20 anos de ditadura militar. Na última vez, que resultou na sua expulsão pela ditadura uruguaia, foi pivô da luta política travada entre o general-presidente do Brasil, Ernesto Geisel, que se decidira pela gradual abertura do regime, e seu ministro do Exército Sylvio Frota, posicionado na direção de maior endurecimento.

Isso não significa que o general Geisel tivesse simpatia por Brizola, ou este por Geisel. Porém, em seu governo no Rio Grande do Sul, Brizola trabalhara com Bernardo Geisel, irmão mais velho do general, que ocupara um lugar no gabinete – fazendo a ligação entre o gabinete civil e o militar. Bernardo Geisel também foi presidente da siderúrgica criada por Brizola, a Aços Finos Piratini.

A inesperada e inusitada manobra de Brizola – recorrendo ao governo de Jimmy Carter para um novo asilo em terras americanas – foi

2. "Brizola charges U.S. inspired coup" ["Brizola acusa os EUA de inspirarem o Golpe"], *The New York Times*, 10/5/1964. Disponível em: ProQuest Historical Newspapers New York Times (1851-2007) w/Index (1851-1993) < http://search.proquest.com/hnpnewyorktimes>.

um acontecimento político de inegável repercussão no Brasil e em círculos políticos internacionais. Numa manhã do outono nova-iorquino de 1977, vindos no voo da Aerolíneas Argentinas, Brizola e Neusa pousaram em solo americano, recebidos por jornalistas brasileiros, representantes do governo Carter e pelo professor Moniz Bandeira, que se deslocara de Washington para isso.

Ao encontrar-se com correspondentes de jornais brasileiros, Brizola definiu-se como social-democrata, ocidentalista e dissidente dos regimes militares. O casal partiu, então, para o tradicional e agradável Hotel Roosevelt, onde também se hospedava a tripulação da Varig. Entre a avenida Madison e a rua 45, em Nova York, o casal passaria quatro meses na suíte 727. Depois de sua ida para Lisboa, em janeiro de 1978, e das viagens pelos EUA, pela Europa e América Latina, Brizola e Neusa voltaram ao Roosevelt em julho de 1979. Eles permaneceriam ali mais três meses, até o dia do retorno ao Brasil, em 5 de setembro de 1979, com Brizola já anistiado.



Foto: Candice Bergen

Na porta do Hotel Roosevelt, Neusa e Brizola em companhia do porteiro que se tornara amigo do casal. A foto foi tirada pela atriz Candice Bergen, então namorada de Tarso de Castro, jornalista gaúcho que trabalhava para o jornal *O Pasquim*.

Treze dias após sua chegada a Nova York, Brizola concedeu entrevista à conhecida rede radiofônica norte-americana, Voz da América. Foi direto ao ponto: a política de Direitos Humanos de Carter possibilitara a sua presença nos EUA. Antes de Carter ele não teria transposto as portas da embaixada americana em Montevidéu. Seu livre trânsito nos EUA estava garantido pelo governo Carter.

A entrevista foi dada à jovem jornalista Marilena Miller, mais conhecida nos EUA como Mary Miller, e seria transmitida pela Voz da América. Marilena parecia não conhecer bem o entrevistado. Brizola a chamou e disse:

— Olha, menina, tens aí uma bomba em tua mão.

A matéria teve enorme repercussão, não só nos EUA, mas em todo o mundo.[3]

No dia 7 de novembro 1977, o jornalista Graham Hovey, do *New York Times*, escreveu artigo tecendo comentários com base na entrevista sobre a permanência de Brizola em solo norte-americano e sua repercussão nas relações bilaterais entre os dois países.[4]

O secretário de Relações para a América Latina, do Departamento de Estado, Terence Todman, informou a Brizola que ele poderia sair e entrar nos EUA sempre que fosse necessário. Brizola revelou, então, ter aceitado o convite do primeiro-ministro português, Mário Soares, para visitar Lisboa, como asilado político e com passaporte português.

Jimmy Carter viria ao Brasil em 29 de março de 1978 e, além do encontro difícil com o presidente Geisel, esteve com figuras da sociedade civil brasileira, como dom Paulo Evaristo Arns no Rio de Janeiro (Carter não incluiu São Paulo em sua visita). Realizou uma visita formal ao

3. Eunice de Oliveira, que trabalhou com o casal Brizola por cerca de 16 anos (em entrevista aos autores, Rio de Janeiro, 29/5/2011); e Marilena Miller (em entrevista aos autores, Rio de Janeiro, 6/7/2011).

4. Ver "U.S. Broadcast to Brazil Appears To Add to the Strains in Relations", por Graham Hovey, especial para *The New York Times*, (1923-Current file); 7/11/1977; Disponível em: ProQuest Historical Newspapers New York Times (1851-2007) w/ Index (1851-1993) < http://search.proquest.com/hnpnewyorktimes>.

Congresso brasileiro e encontrou-se, em recepções oficiais e não oficiais, com figuras do MDB, embora não tenha tido encontros especiais com Ulysses Guimarães, então presidente deste partido.

O governo Carter estava abandonando a postura norte-americana de estimular governos militares e ditatoriais – em sua fase mais aguda da Guerra Fria – para acercar-se de movimentos, partidos e futuros governos democráticos.[5]

Façamos um parêntese que nos conta e nos aproxima de uma intuição do que viria a acontecer. Em 1977, o jornalista Mino Carta, que então trabalhava na revista *IstoÉ*, refletiu o clima imperante no Palácio do Planalto, em um diálogo com um "personagem muito importante", que relatava os temores de certas áreas fardadas quanto às expectativas eleitorais no Rio Grande do Sul. A conversa entre o jornalista e o entrevistado abordava a possibilidade de eleições diretas para governador em 1978, com a vitória do MDB oposicionista.

O interlocutor de Mino Carta revelava que, diante dessa situação, o provável candidato da oposição seria Pedro Simon. Mas as áreas verdes (militares) talvez não compartilhassem dessa opinião. Por trás de Simon, veriam inevitavelmente o fantasma de Leonel Brizola. E em hipótese alguma aceitariam a possibilidade de Brizola estar agindo à sombra de um governo emedebista no Rio Grande do Sul.

Para Mino Carta o sinal parecia evidente: *não haveria eleições diretas em 1978 e o Planalto, de fato, preparava um pacote político* "que acabou desabando sobre nós em abril, dois meses depois da minha conversa planaltina". Mino ouviu, então, a seguinte afirmação de seu interlocutor: "Hoje Brizola é a besta-fera e, no entanto, num prazo quem sabe mais curto do que se pode imaginar, ele poderá estar de volta, aceito até por aqueles que enxergam nele o pior inimigo."[6]

---

5. Cf. *Folha de S.Paulo*, 30/3/1978, e *O Estado de S.Paulo*, 30/3/1978.
6. Mino Carta. "Política – Em 77, o Planalto previa a volta", *IstoÉ,* São Paulo, 12/9/1979, p. 3.

A expulsão do Uruguai: saindo pela tangente americana

O mês de julho de 1977 foi particularmente frio no Rio Grande do Sul. O vento gelado entrava pelo quebra-vento da caminhonete Caravan, que rodava noite adentro, sob chuva, em direção a Livramento, oeste do estado, onde cruzaria a fronteira para mais uma visita a Brizola na Fazenda La Manguera, em Durazno, Uruguai. Isaac Ajnhorn, Antonio Tabajara e Trajano Ribeiro eram acompanhados pelo incansável João Carlos Guaragna, íntimo colaborador de Brizola que, havia pouco, fora homenageado por trabalhistas e emedebistas que promoveram um churrasco no Uruguai – por sua centésima viagem a Montevidéu. Dessa vez eles estavam dispostos a convencer Brizola a escrever um livro.

Entendiam ser uma forma de ele se reinserir no debate político nacional – que caíra numa mesmice, com o MDB ostentando discurso anódino para evitar o debate sobre questões nacionais. O partido limitava-se a tímidas bandeiras em torno da democratização, recusando, inclusive, uma postura mais efetiva sobre a anistia geral e irrestrita e sobre o retorno dos exilados.

Chegaram em La Manguera num sábado ensolarado e encontraram um Brizola bem-disposto e ávido por notícias. Já os esperava com o churrasco quase pronto. Passado o almoço, ainda em torno da mesa, Brizola, após alguns minutos em silêncio e com o olhar perdido, esfregou a mão no queixo e disse com ar de quem iria revelar algo surpreendente:

— Estou com vontade de testar essa política dos direitos humanos do Carter.

— E como será isso? — indagou Trajano.

— O senador Singer está me ajudando com esse assunto, amanhã ele deve vir aqui para conversarmos.

Olhou-os bem nos olhos esperando uma reação. Era do estilo dele jogar no ar assuntos que lhe interessavam, sobre os quais tinha dúvidas,

ou, mesmo não as tendo, que ele sabia serem polêmicos, mas que davam a impressão de serem questões gerais, longínquas. Essa era sua maneira de testar a receptividade de seu discurso, ou daquilo que ele chamava de *realejo*.[7] Naquele momento seu cavalo de batalha era a anistia.

Ansiava por retornar logo ao Brasil, voltar à vida pública. Estava cansado do exílio. Certa vez, em outra visita que Trajano lhe fizera ele havia dito:

— Trajano, quando não é tempo de eleições, o pasto cresce aqui na minha porta.

Referia-se à romaria de políticos que o visitavam na véspera das eleições para tentar granjear votos do seu enorme eleitorado, principalmente no Rio Grande e no Rio de Janeiro e que depois, passado o pleito, desapareciam.

***

À noite eles se reuniram em volta da lareira. Brizola permanecia de pé, cruzando às vezes a sala ampla, e tecia comentários sobre o desempenho do único partido de oposição e de alguns de seus principais líderes. Estava descontente com a maneira tímida com que falavam da anistia. Cada um deles ponderou então sobre a necessidade de Brizola entrar no debate e sugeriram que escrevesse um livro. Ele os ouviu sem interromper.

As labaredas da lareira projetavam na parede a sombra de um Brizola enorme e irrequieto.

— É melhor não escrever livro — disse, erguendo as sobrancelhas e com um leve sorriso. — Olha, o Perón escreveu um livro, e depois... — E prosseguiu — vamos fazer assim: eu escrevo... umas cartas para o Seu Guaragna[8] e vocês as reproduzem.

---

7. O realejo é um instrumento musical híbrido muito antigo: órgão mecânico com tubos portáteis, automático, mais uma forma de piano, com uma manivela que faz soar um número de melodias predeterminado.

8. João Carlos Guaragna, *Brizola: a revoada do exílio.*

No dia seguinte, Brizola receberia a visita do senador Juan Adolfo Singer, ativo membro da Frente Ampla, oposição ao regime militar do Uruguai, e que mais tarde veio a perder seu mandato. Ficou muito amigo e tornou-se confidente de Brizola (além de terem feito negócios em fazendas) durante esses anos de exílio uruguaio. Singer mantinha muito boas relações com o novo governo de Carter e, certamente, contribuiu para a decisão de Brizola de pedir asilo ao governo norte-americano, com base na política de direitos humanos da nova administração.[9]

No dia seguinte Isaac, Antonio e Trajano retornaram a Porto Alegre discutindo como poderiam viabilizar a reprodução e distribuição das cartas e sobre a repercussão que poderiam ter, sem imaginar o que o futuro os reservara para poucos dias depois.

9. Entrevista com o senador Singer, via e-mail, em 26/8/2006 e 9/10/2006.